

III SEMANA DO CONHECIMENTO

Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

AS CRÍTICAS DE WITTGENSTEIN À POSSIBILIDADE DE UMA LINGUAGEM PRIVADA

AUTOR PRINCIPAL: Bianca Possel

CO-AUTORES: Dr. Altair Alberto Fávero; Doutoranda Carina Tonieto

ORIENTADOR: Dr. Altair Alberto Fávero

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO:

No presente trabalho, baseando-se nas aulas de filosofia da linguagem do curso de filosofia da UPF, tem por objetivo demonstrar as críticas que o filósofo alemão Ludwig Wittgenstein II faz à possibilidade da existência de uma linguagem privada. Comparando aspectos do Wittgenstein I, na sua obra *Tractatus logico-philosophicus*, serão apresentadas as principais diferenças de seu pensamento em relação às Investigações filosóficas. De forma simples e direta, o seguinte trabalho procura ser uma leitura extra para quem se interessar por filosofia da linguagem, ou pelo próprio Wittgenstein.

DESENVOLVIMENTO:

Linguagem privada é aquela linguagem formada por nomes, cujo significado só aquele que faz uso dessa linguagem pode ter acesso. Ela não é uma gíria usada por certo grupo, nem uma língua em extinção. Podemos pensar em nossas dores, por exemplo. Quando eu sinto uma determinada dor, apenas eu sei a intensidade dela, e o lugar em que estou sentindo não é mesmo? Pois bem, Wittgenstein diz que não, que além do mais nem existe linguagem privada. Seria isso então, uma ilusão? Um delírio? Não há nada privado que sustenta a linguagem?

1º argumento: Impossibilidade de se considerar sensações internas como objetos. Quando digo que tenho dor, utilizo de pronomes possessivos que indicam posse, ou seja, minha dor. E para chamar algo de meu, a dor teria que ser um objeto, pois um objeto é aquilo que independe da minha própria existência, pode existir sem mim. Tratamos a dor como se fosse um objeto externo a nós mesmos, entretanto, para onde vai a dor quando não está em mim? A dor é enquanto sou. A dor sou eu. A nossa linguagem

III SEMANA DO CONTECUMENTO

3 a 7 DE OUTUBRO
2016

possessiva que transforma a dor em objeto. Dor não é algo que a gente tem, é algo que a gente é. E quando esquecemos a dor? Simples, somos sem-dores.

2º argumento: Impossibilidade de submeter o uso gramatical de tais possíveis objetos à regra de correção. Ou seja, nós mesmos ditamos nossas regras dentro de nossos jogos de linguagem, mas isso não é confiável, pois só comparamos nossas dores por exemplo, com nossas próprias experiências de dores, o que inviabilizaria a comunicação com outras pessoas. Pois, não saberia se a dor no dedo que sinto tem o mesmo significado de dor no dedo que minha irmã sente.

3º argumento: Impossibilidade de se considerar as proposições formadas por nomes de significação interna (privada) como bipolares, ou seja, poderem ser verdadeiras ou poderem ser falsas. Vejamos a proposição “eu sei que sinto dor”. Não podemos saber se é verdadeira ou falsa, pois para quem a sente, ela é simplesmente sentimento de dor, o sujeito não pode criar uma linguagem que pode ser falsa ou verdadeira para ele mesmo, Wittgenstein diz que ela, a frase, é incompreensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esses são os 3 argumentos levantados pelo autor para refutar a linguagem privada e podemos concluir, portanto, que eu não sou outro fora das minhas dores, não sou outro fora dos meus sofrimentos, das minhas alegrias, enfim, das minhas emoções. A linguagem privada não é possível para nós, pois, não podemos tratar nossas sensações internas como objetos, muito menos caracterizá-las e discutirmos se são verdadeiras ou falsas.

REFERÊNCIAS:

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
_____. Tractatus Logico-Philosophicus. 3. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): Número da aprovação.

ANEXOS: